Antipetismo, racismo e preconceito contra os pobres

09/10/2014

JEFFERSON MIOLA

O antipetismo é um modo de fazer política que semeia ódio e raiva. É um biombo que esconde o racismo e o preconceito da classe dominante brasileira.

A mudança é a mística da eleição. Marina adicionou uma variante messiânica à ideia de mudança. Com o trabalho da mídia, a mudança foi sublimada. Foi convertida em adjetivo, em estado de espírito, em sentimento difuso. A mudança propalada, entretanto, não tem nada de substantivo.

A ordem unida é: "*mudar ou mudar!*". Não importa revelar o conteúdo da mudança; importa mudar. Não interessa se a mudança é para pior, porque mais vale mudar. O essencial é a mudança, porque mudar é sinônimo de derrotar o PT, mesmo que isso represente o retrocesso e a interdição do processo modernizador do Brasil.

O antipetismo de todos os tons – principalmente a vertente de ódio ao PT e aos petistas – reúne as***razões aparentes*** para a sublimação da mudança; é um pretexto conveniente. É ilusão pensar que o antipetismo tem origem na crítica republicana, democrática, ética e honesta aos erros cometidos por alguns petistas que se equivocaram gravemente quando se distanciaram dos ideais do PT e se vincularam a práticas características dos partidos tradicionais.

O antipetismo nasce da reação conservadora às mudanças na dominação secular e às políticas igualitárias promovidas pelos governos do PT, e não da crítica moralizadora da política. O antipetismo veste como uma

luva o racismo disfarçado da classe dominante brasileira em relação aos pobres. Essas são as ***razões verdadeiras*** para as mudanças que têm viés regressivo.

No Brasil existem 32 partidos políticos registrados, mas, incrivelmente, um [único!] movimento antipartidário naturalizado no debate político por uma lógica fascista estigmatizadora: o antipetismo. Na crônica política não se conhecem conceitos equivalentes ao antipetismo – não existe antipsdbismo, antipmdbismo, antidemismo, etc. É emblemática a proclamação de um expoente da oligarquia conservadora: "*a gente vai se ver livre dessa raça [sic] petista pelos próximos 30 anos*" [Jorge Bornhausen, 2005].

O antipetismo disfarça o racismo e o preconceito da classe dominante em relação aos pobres. Afinal, os governos do PT atrapalharam a festa dos senhores egoístas da Casa Grande, acostumados por séculos a dividir o país entre os 10% ricos da população ao passo que o "resto" do povo que se dane futebol clube.

Na segunda década do século 21, ficou difícil contratar empregadas [escravas] domésticas, porque a realidade de pleno emprego permite às mulheres escolherem trabalhos que não de escravas da classe média e dos ricos.

Os aeroportos ampliados e modernizados agora estão lotados de trabalhadores humildes e pessoas simples que conseguem fazer a primeira viagem de avião na vida. Os *Shoppings Centers*, templos sagrados do "alto" consumo, já não são reinos exclusivos da elite.

No Novo Brasil que revolta a classe dominante, jovens e adultos negros são a primeira geração, desde os ancestrais escravos, que conseguem frequentar Universidades. A juventude pobre, filha das favelas, também ganhou a oportunidade de percorrer o mundo através do programa Ciência sem Fronteiras estudando e sendo preparada para fazer parte da construção do futuro do Brasil.

A elite conservadora se irrita com as ruas entupidas das cidades; afinal foram dimensionadas para serem usadas pelos automóveis de 30% da população, e hoje são também trafegadas por trabalhadores simples que conseguem comprar o próprio carro.

É duro para a elite preconceituosa conviver com o reconhecimento de direitos e políticas públicas [ainda acanhadas, registre-se] para LGTBs. Assim como causa cólera a setores minoritários de médicos egoístas a solidariedade de médicos estrangeiros contratados pelo governo para atender 50 milhões de brasileiros que, de outra maneira, continuariam desassistidos e abandonados.

A repentina obsessão por mudanças que acomete a classe dominante tem como objetivo primordial interromper o ciclo de transformações generosas dos governos Lula e Dilma, que fazem o Brasil um país de todos, e não somente dos 10% mais ricos.

O ódio ao PT é pela obra distributiva e igualitária que o PT realiza no governo. É o ódio ao povo pobre, que não deveria ser portador de direitos, oportunidades e, menos ainda, usufruir da enorme riqueza nacional, agora exponenciada com o Pré-sal.

O antipetismo é um método de fazer política que semeia ódio e raiva. É um biombo que esconde o racismo e o preconceito da classe dominante inconformada com o Novo Brasil que pertence a 203 milhões de brasileiros e brasileiras, e não somente a uma ínfima minoria patrimonialista que considera o país sua capitania hereditária.

Artigo publicado em Carta Maior.

Compartilhe nas redes: